ISSN 1413-389X Temas em Psicologia - 1998, Vol 6 nº 2, 105-115

Modos de morar no Brasil e contexto de desenvolvimento[1]

Elaine Pedreira Rabinovich[2]
Centro de Estudos do Crescimento e Desenvolvimento do Ser Humano, CDH-FSP

Resumo

A fim de compreender como o modo concreto de vida influencia o desenvolvimento infantil, comparamos práticas de aleitamento e modos de dormir de vários grupos de crianças da famílias de baixa renda: 60 crianças de 0-1 ano, suas famílias e moradias, de um bairro paulistano; 28 crianças de 0-3 anos vivendo sob um viaduto na cidade de São Paulo; 28 crianças de 0-3 anos, localizadas em zona rural piauiense. Vários recursos metodológicos foram utilizados para cumprir esta tarefa, incluindo observação direta, registro do ambiente doméstico e do quarto de dormir; entrevistas semi-estruturadas sobre a criança e a família, fotos e vídeos. Os principais resultados apontaram para a importância do tipo de organização familiar – rede familiar extensa ou nuclear; para o estabelecimento de normas – normas médicas ou tradicionais; e para a continuidade dos grupos apesar das diferenças observadas entre eles – associação entre ausência de berço, modo de vida interdependente, desmame tardio, e *co-sleeping*. Este estudo apontou para práticas de aleitamento e modos de dormir em grupos de baixa renda brasileiros opostas ao individualismo, isolamento e autonomia das culturas ocidentais, e para a urbanização como um aspecto fundamental do sistema de cuidados, indicando a necessidade de a unidade de análise ser ampliada para evitar o viés etnocêntrico. Propomos para análise as categorias simbólica, temporalidade, corporiedade e poética, oriundas da análise da moradia.

Palavras-chave: contexto de desenvolvimento; moradia; sono; aleitamento; brasilidade.

Ways of dwelling in Brazil and developmental context

Summary

In order to understand how the concrete way of living influences child development, we compared breastfeeding practices and sleeping environments of several low income groups: 60 children 0-2 years old and their families living in São Paulo city; 28 children living as homeless under a viaduct of São Paulo city; 28 children 0-3 years old and their families from a rural area in northeast Piauí State. Several methodologies were used, including direct observation and semi-structured interviews with writtem records of the dwelling and the sleeping room; photos and video. The main results pointed to the relevance of the type of family organization – nuclear or extended network –; to the stablishment of norms – from medical or traditional knowledge –; and to the continuity between groups – association between *no-cradle /interdependency-living//late-weaning* and co-sleeping. This study pointed to sleeping environments and to breastfeeding practices in low income Brazilian groups as opposed to the *individualism, separateness* and *autonomy* of western cultures and urbanization as a main aspect affecting the life system and changing rearing practices indicating that the analysis unit need to be broaden in order to avoid the ethnocentrical bias. As categories of analysis stemming from the dwelling, we proposed symbolic, corporality, temporality, poetics.

Key-words: developmental context; dwelling; sleep; breastfeeding.

---

1. Comunicação apresentada no Simpósio Contexto de desenvolvimento infantil: espaço cultura e adaptação, realizado na XXVIII Reunião Anual de Psicologia, outubro, 1998.

2. Endereço: Rua Maranhão, 101, ap. 101- CEP 01240-001 - São Paulo-SP.

Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio teria despido
O português

Oswald de Andrade, 1972

Este trabalho corresponde ao estágio atual da compreensão do significado de "morar no Brasil". Ele está baseado em uma série de pesquisas, resultado de um programa de estudo, objetivando, em última instância, compreender a base cultural brasileira em que o desenvolvimento humano ocorre.

Esta preocupação decorreu do fato de, em 1988, termos planejado uma pesquisa longitudinal, realizada no sub-distrito paulistano de Vila Madalena, através de visitas domiciliares a famílias de baixa renda donde passamos a problematizar a compreensão do modo de morar no Brasil.

Como De Civita, Pagani, Japel, Vitaro, Tremblat, (1998) em uma pesquisa realizada em Montreal, (Canadá) concluímos que:

> um ambiente economicamente desvantajoso pode muito bem conter elementos que contribuem para resultados de desenvolvimento positivos sendo necessário investigar, além das definições monetárias de pobreza, as condições de risco e de proteção dentro do grupo e como variáveis similares podem estar relacionadas de modos diferentes para diferentes famílias (p.2).

Tanto a pobreza não pode ser vista como uma condição homogênea, quanto alguns aspectos encontrados no meio de vida de populações desfavorecidas economicamente podem indicar aspectos favoráveis ao desenvolvimento.

Os estudos subsequentes com uma população de moradores de rua "assentados" sob a Ponte do Tatuapé, São Paulo, e na zona do Cocal, interior do Estado do Piauí, confirmaram esta percepção, além de indicar a importância da consideração de fatores sócio-históricos na compreensão dos processos de subjetivação no Brasil. Este conjunto de estudos foi nos direcionando para a necessidade de considerarmos o contexto de desenvolvimento como o próprio desenvolvimento, dado a cultura ser o modo de ser do ser em desenvolvimento.

Cultura pode ser vista como o modo como sentimos, sofremos, percebemos, vemos e nos comportamos (Kim e Singelis, 1998). O contexto considerado como cultura seria tão fundante do ser humano quanto a hereditariedade genética, dado cultura ser a natureza humana (Carvalho, 1989).

Para Kim e Singelis (1998), a base do atual conhecimento psicológico corresponderia à "psicologia dos psicólogos" e não à psicologia do povo, o significado e o contexto tendo sido eliminados da pesquisa e reconstituídos pelo pesquisador. Os referidos autores propõem que toda a pesquisa se torne cultural, explicitando o que está implícito e assumido como "natural".

Kim e Singelis sugerem também que se utilize conceitos e métodos próprios à cultura, como, por exemplo, os desenvolvidos na psicologia filipina por Virgilio Enriquez, o *pagtatanung-tanong* e o *pakapa-kapa* (Ho, 1998), baseados no modo de ser e pensar dos filipinos. Segundo Dana (1998), por exemplo, não se deve usar os métodos de formato rígido, impessoais, orientados à tarefa, aceitos pelos americanos para os latinos nos EUA, mas métodos que envolvam simpatia e afiliação. O *self* latino teria limites mais extensos e permeáveis, incluindo a família e a rede de compadrio em uma relação com ancestrais do qual podem emanar poderes ligados à natureza e a origens espirituais.

Dentre os conceitos envolvendo cultura, atualmente prevalecem as noções de sociedades individualistas e coletivistas (Triandis,1989), ou de personalidade independente ou interdependente (Markus e Kitayama, 1998) que podem ser localizadas, em síntese, ao longo das dimensões relacionais e/ou independência (Keller, 1998), ou seja, como se dá o equilíbrio entre centração no ego e na relação. O individualismo – definido como o indivíduo sendo um fim em si mesmo, contraposto ao coletivismo em que a ênfase é colocada no grupo de pertencimento –, teria sido endossado, epistemologicamente, pelo

sistema de categorização cartesiana que colocou uma divisão aguda entre o si e os outros (Lebra, apud Ho, 1998). O *Cogito ergo sum* apontou para a mente individual como fonte de conhecimento, sendo esta a definição ocidentalizada de pessoa, que corresponde, contudo, "a menos de 30% da humanidade, onde, mesmo aí, minorias étnicas e grupos de baixo status sócio-econômico tendem a ser mais coletivistas" (Kagitçibasi, 1997, p.5). Esta seria a fonte de muitas das distorções presentes no pensamento ocidental que tende a se considerar como centro do mundo civilizado, devido à sua inerente condição expansionista.

Nossos estudos se centraram no modo de morar. O modo de morar pode ser entendido como uma das grandes manifestações do processo de antropomorfização do homem. Ao habitar, o homem existe como homem, ou seja, ao transformar o espaço em lugar, ao humanizar o espaço, ele se faz homem. A casa, portanto, corresponderia à experiência simbólica de habitar o mundo, não sendo apenas abrigo e proteção, decorrendo da abertura permanente de transformação do homem em direção do humano. Neste movimento/momento de antropomorfização do *ser*-humano, é/está a cultura.

A cultura pode ser vista como o acúmulo e transmissão da experiência intergeracional do habitar do ser humano no mundo. A psicologia do desenvolvimento pode ser dita se centrar neste processo de transmissão cultural que é, em síntese, o próprio desenvolvimento.

O contexto de desenvolvimento enfocado nos estudos acima citados foi o modo de morar visto como uma manifestação psíquica e expressão de subjetividades "construídas" sobre uma base materialmente dada.

O meio construído, no caso, a casa, seria tanto o contexto quanto a própria condição de humanização na qual a criança se apropria de um mundo transformado pela ação das gerações anteriores, momento e movimento este em que ela se torna si própria, apropriando-se de suas próprias capacidades neste encontro com a herança materializada dos antepassados.

Esta compreensão colocou no centro das cogitações o corpo visto como um corpo vivo, ao mesmo tempo sujeito e objeto, carnalizado, concreto, vivendo experiências a partir de dados sensoriais, produzindo, percebendo, vivendo e concebendo o espaço, encontrando-se no espaço onde outros existem também como corpos vivos, quentes, frios, dançando em sincronia, sentindo em sintonia, anterior ao *logos* e ao verbo. Estar no mundo significa, pois, estar em uma relação incorporada no mundo.

A história da humanidade estaria inscrita nas transformações da matéria em três tempos: um muito longo e lento, um tempo social, correspondendo às historiografias, e um tempo psicológico, individual, curto. O modo de morar pode ser dito o lugar da memória, nestes três tempos, assim como a memória é a condição da transmissão da cultura.

O conceito de práticas sócio-educativas aproxima e integra os três conceitos expostos acima: a condição da humanidade como existência, como movimento e momento de fazer-se homem no encontro com o meio humanamente construído; o meio como o momento deste encontro; finalmente, a educação, a psicologia dos pais, a etnoteoria parental, a idéia de criança, o sistema de cuidados, como objeto da psicologia do desenvolvimento.

O contexto, portanto, está sendo visto como cultura, como instância formativa do psiquismo, integrado ao aparelho psíquico pelas relações por ele engendradas, por ele ancoradas e por ele significadas.

Segundo Keller (1998),

> as crianças crescem dentro dos *scripts* de seus pais que selecionam os *settings* iniciais de socialização e planejam as apropriadas atividades diárias, arranjos de dormir, contatos sociais e padrões de cuidados. Estas atividades cultura-específicas podem ser especificadas em *settings* que proporcionam contextos interacionais. Os *settings* definem condições ambientais concretas para as experiências iniciais de socialização (p.4).

Para ela, existiriam dois padrões que podem ser consistentemente diferenciados nas culturas:

> que são usualmente denominados na linguagem prevalente etnocêntrica, como Ocidentais (Europa e Norte América que representam cerca de 14% da população mundial) e não-Ocidentais (representando o restante do mundo com cerca de 86% da população) (Keller, 1998, p.4).

Estes padrões correspondem a: no Ocidente: estrutura de atenção exclusiva em ambiente social diádico; não-Ocidente: estrutura de atenção co-ativa em ambiente social múltiplo. O foco da atenção dos cuidados, no Ocidente, está exclusivamente na criança em uma situação diádica, enquanto o cuidado co-ativo implica na distribuição da atenção a diferentes focos ao mesmo tempo em uma situação de múltiplos cuidadores. Eles corresponderiam a dois tipos de investimento parental referentes a *cuidados físicos*, envolvendo aleitamento (2-4 anos *ou* 1-3 meses); carregar (mais de 50% do dia *ou* curta resposta ao choro); contato corporal (dia e noite: "back and hip culture", co-sleeping *ou* baixo contato corporal, crianças "empacotadas"; culturas do berço); cuidado extra materno (outros parentes e irmãos *ou* "baby sitter"); e *cuidados emocionais*: longos períodos de cuidados múltiplos *ou* curtos períodos de cuidado exclusivo; contato e comunicação corporal prolongados *ou* curtos episódios face-a-face; apoio a uma simbiose longa *ou* incentivo à independência precoce.

A experiência propiciada pelas condições ambientais concretas organizadas pelo sistema de cuidados parentais corresponderia a práticas culturais de *modos de partilhar* envolvendo crianças, no âmbito da experiência cotidiana coletiva da família, consistindo na qualidade e natureza de relações entre idéias parentais, práticas de criação de filhos e valores culturais prevalentes no grupo social de referência (Bastos, 1994; 1998).

O trabalho aqui apresentado se refere a duas instâncias do modo de partilhar: o sono e a alimentação, que podem ser vistos como indicadores de como a criança partilha inicialmente o meio, dentro do sistema de cuidados caracterizado pelos sistemas do apego e da exploração. A evolução teria modelado dois sistemas motivacionais: a necessidade de se apegar e o impulso para exploração.

> O funcionamento efetivo da criança depende em parte de sua capacidade de coordenar estas tendências comportamentais algumas vezes competitivas em um todo integrado – um que facilita não apenas a sobrevivência física, mas igualmente o domínio do ambiente (Harwood, Miller e Irizarry, 1995, p.5).

A partir do estudo do modo de morar, o apego pode ser pensado como o modo como a mãe ou figuras de apego se dão à criança, enquanto a exploração pode ser pensada como o mundo é dado à criança (Rabinovich, 1992).

Neste sentido, o modo de partilhar o sono e o aleitamento poderia ser estudado como o *locus* inicial da criança no mundo, ou seja, quanto e como o corpo materno/familiar é este *locus* ou quanto há substitutos para esta relação, vistos dentro de uma perspectiva mais ampla de modos de vida coletivizados e individualizados.

Nosso objetivo, no presente momento, é ampliar a discussão de nossos próprios achados, já publicados anteriormente (Rabinovich, 1992, 1994a, 1994b, 1997, 1999), dos quais daremos informações sucintas a seguir.

Método

O estudo

O presente estudo pretendeu estudar questões atinentes ao aleitamento e ao sono comparando o sistema de aleitamento sócio-familiar em dois contextos de desenvolvimento diversos: um de crianças urbanas paulistanas de baixa renda; um de crianças rurais nordestinas de baixa renda. Foram realizados dois e udos: um estudo longitudinal, realizado através de visitas domiciliares a 60 crianças, de 0-24 meses, de famílias de baixa renda, inscritas em um Centro de Saúde, moradoras do subdistrito de Vila Madalena, região central da cidade de

São Paulo; um estudo de 28 crianças de 20 famílias/ moradias de baixa renda, moradoras na zona do Cocal, interior do Estado nordestino do Piauí (Rabinovich, 1992; 1994b).

Os dois estudos foram realizados através de visitas domiciliares, em que foram entrevistadas preferencialmente as mães, realizadas observações livres das crianças em suas atividades rotineiras, registrados os ambientes domésticos e seus arredores.

A ida ao campo se deu sem hipóteses prévias e consistiu na coleta do maior número possível de informações através dos meios possíveis. Os instrumentos utilizados nos estudos foram variados, sendo que os dados para o presente trabalho decorreram de: entrevista com a mãe sobre a criança e sobre a família; observação da relação mãe-criança; observação e registro do ambiente.

Estes dados foram colhidos em uma dupla perspectiva: por meio de observação e de registro (cursivo, fotográfico, videofilmagem) e por meio de um registro oriundo da prática clínica caracterizado por: despojamento de conteúdos; escuta desfocada; estar em contato com; "olhar viajante" do etnólogo; modo sintético de percepção e vivência dos fenômenos; troca de experiências e encontro intersubjetivo; percepção e vivência do observador como um ator no campo. Este modo de coleta de dados permitiu que estes, em uma direção divergente, continuassem a se propor como fonte de indagações e de informações, gerando hipóteses.

As categorias de análise do sistema de aleitamento foram: idade do desmame; motivo do desmame: mãe ou criança; esquema de aleitamento: a pedido ou com horário; alimentação suplementar.

As categorias de análise do sistema de dormir foram: tipo de quarto (só ou acompanhado); tipo de leito (berço, sem berço, berço ornamentado ou rede) posição da cama (paralela ou perpendicular) e distúrbios de sono, segundo relato.

As categorias de análise do contexto do desenvolvimento consideradas foram: *locus* do aleitamento e do sono, tipo de organização familiar e padronizações normativas.

Os grupos foram comparados quanto a: tipo de organização familiar, motivação e rede de apoio, normatização, relação presença/ausência de berço, modo de vida privatizado/coletivizado, organização espacial polifuncional/monofuncional, idade do desmame, distúrbios de sono e práticas sócio-educativas.

Resultados

Locus do aleitamento

No Piauí, as crianças permaneciam em suas redes ou no colo de quem havia sido designado, na família, para cuidar dela, e, face o choro ou desconforto, era trazida à mãe. Circulava dentro/fora da casa, contatando com quem lá estivesse. A mãe, ao ir trabalhar, deixava a criança em casa, cuidada por um familiar, avó e/ou irmão. Em Vila Madalena, a criança permanecia no berço ou na sala dentro do carrinho, e a mãe a atendia segundo o esquema em funcionamento, dentro da casa de poucos cômodos, em meio a seus afazeres domésticos. O trabalho materno externo à casa implicava, em geral, no desmame. À noite, em geral, era oferecido mamadeira, embora as crianças dormissem no quarto dos pais.

Locus do sono

Todas as crianças na faixa etária de 0-3 anos, exceto 9% em Vila Madalena, dormiam no mesmo quarto que os pais; enquanto no Piauí todas as crianças tinham rede própria, exceto uma que dormia com os pais e duas que tinham berço, em Vila Madalena, 23% dormiam na cama dos pais e as demais 77% tinham berço; enquanto em Vila Madalena, 65% apresentavam o "cantinho do bebê" consistindo no berço ornamentado delimitando o lugar do bebê na casa, apenas uma rede estava ornamentada no Piauí; 97% dormiam paralelamente aos pais em Piauí e 78% o faziam em Vila Madalena, contra 3 e 22%, respectivamente, em que os leitos se achavam perpendiculares entre si; de um modo geral, mais mães relataram dificuldades no sono de seus filhos em Vila Madalena (33%) do que em Piauí (7%).

Tipo de organização familiar

No Piauí, um coletivo familiar ocupava-se das lidas domésticas, o bebê aí incluído. A mãe, a avó e/ou um irmão atendiam a criança. Muito do contato mãe/criança era garantido pelo dormir junto – o *cosleeping*, que, unido ao aleitamento noturno, reforçava e confirmava o vínculo criança/pais, dado o coletivo familiar realizar os cuidados na ausência da mãe. O múltiplo esquema de aleitamento e a inclusão do mingau *gomoso* à base de farinha de mandioca sustentava o aleitamento tardio pois outros podiam alimentar o bebê na ausência materna e, ao mesmo tempo, a mãe garantia que o bebê mamasse ao peito oferecendo várias oportunidades para isto, com/sem horário. O aleitamento antecipado se dava por uma compreensão de que se deve evitar o sofrimento infantil e garantir a sua sobrevivência.

Em Vila Madalena, a estruturação familiar nuclear fazia com que a mãe fosse a única encarregada do bebê, embora avós e familiares morando próximos ajudassem. Famílias extensas funcionavam de modo semelhante ao do Piauí, com a diferença de ser a mãe a pessoa encarregada dos cuidados. Não se observou outras crianças encarregadas do bebê. O trabalho materno, em geral, foi motivo para o desmame. Todos dormiam em um mesmo quarto e muitas vezes a cama era dividida, devido a fatores econômicos mas também a um sistema de vida interdependente.

Padronizações normatizadoras

No Piauí, normas tradicionais, ancoradas no saber popular e na experiência acumulada, propugnavam o desmame com a ocorrência de nova gestação. Esta norma pressupunha também que o bebê dormisse ao lado dos pais, de modo que o desmame do peito ocorria antes do afastamento no dormir. A criança só passava a dormir em quarto separado dos pais ao ter "entendimento", com cinco anos, sua rede sendo afastada da dos pais com os sucessivos nascimentos. Esta norma do Piauí coincide com a dos povos da caça e coleta, quando a criança era desmamada com a gravidez, havendo uma diferença de três, quatro anos entre as gestações, quando ela já poderia locomover-se por si e não depender apenas do leite materno para se nutrir. Normas mais recentes no Piauí, promovidas pelos agentes de saúde e pelas instituições médicas e escolares, preconizando aleitamento exclusivo com introdução posterior de sucos e papas, contradizem estas práticas, sendo fonte de conflitos avós/pais, acompanhadas de introdução do berço. Estas normas, "educando para civilizar", parecem ser incorporadas enquanto as tradicionais são mantidas.

Em Vila Madalena, observou-se vários padrões normatizadores – família, amigas, vizinhas – sendo a norma estabelecida pelo Centro de Saúde de aleitamento exclusivo, até os seis meses, apenas oficiosamente seguida em vários casos. Tanto o desmame precoce quanto o aleitamento tardio emergiram como fontes de problemas na relação mãe/criança devido, em parte, a conflitos gerados pelo afastamento da norma. A ação normatizadora do Centro de Saúde foi também uma ação "educadora", com modelos a serem seguidos, determinando práticas sócio-simbólicas, desvios e sanções, intra e extra-subjetivos. O desmame, considerado um palco dos interesses conflitantes mãe-criança (Hinde, 1987), adquiriu conotações de conflitos intra-subjetivos pois a mãe era colocada em uma situação contraditória, em que dever e poder caminham em direções opostas. O não desligamento da dupla mãe-criança foi detectado como uma dificuldade, com conseqüências na dinâmica familiar.

Continuidade e descontinuidade dos grupos estudados

Embora os resultados acima apresentados tenham enfatizado as diferenças, houve uma continuidade entre os grupos estudados com a ocorrência de uma forte presença de familiares, formando redes de relacionamento. É no acesso a esta rede que resulta a diferença, pois o meio urbano dificulta estes contatos que, contudo, continuam existindo configurando um modo de relacionamento independente em uma sociedade relacional.

Associação entre ausência de berço/coletivismo/ polifuncionalidade/ desmame tardio

A presença ou ausência do berço foi vista como um índice de isolamento da criança em um ambiente próprio *versus* a criança estar localizada em um sistema familiar interdependente. O modo de vida foi dito ser coletivizado quando havia: mais de uma família co-habitando; várias gerações co-habitando; família numerosa; mais do que 2.5 morador/cômodo; mãe empregada doméstica. A categoria semi-coletivizado incluía: parentes habitando no mesmo terreno; parentes co-habitando; parentes habitando como vizinhos. A categoria privatizado incluía a familiar nuclear, não incluída nas acima.

A categoria monofuncional incluiu moradias em que havia locais específicos para funções específicas; a categoria polifuncional incluía moradias onde havia ausência de locais específicos para atividades específicas. Havia uma categoria intermediária onde, em um espaço polifuncional, havia "demarcação" para atividades específicas na ausência de paredes.

Houve uma correlação positiva entre não berço/ coletivização /polifuncionalidade/ desmame tardio, assim como entre berço/privatização/ monofuncionalidade/ desmame precoce. Esta associação, encontrada no estudo em Vila Madalena (Rabinovich, 1992), confirmou-se como uma tendência no estudo no Piauí.

Discussão

Nos dois grupos, as crianças tenderam a dormir próximas a seus pais e não houve diferença importante entre os grupos afora o uso de redes, em um grupo, e o de berços ornamentados, no outro. Este tipo de variação indicou um modo de dormir que ocorre em um mesmo cômodo, com os leitos paralelos entre si, com os filhos menores mais próximos aos pais do que os mais velhos, e com uma tendência a que os bebês tenham o seu próprio leito. Os pais percebiam como positiva esta proximidade, inclusive com bebês que mesmo tendo berço, dormiam próximos aos pais, com a finalidade de acudi-los prontamente e estreitar os vínculos afetivos. Pode-se pensar que muito do carinho, atenção, assistência que não eram dados durante o dia devido ao sistema de vida materno encontrava o seu espaço à noite, neste reencontro de pais e filhos que, de outra maneira, poderiam se perder para sempre.

No Piauí havia um sistema sócio-familiar relacional e interdependente, irmãos mas também outros familiares como tias e avós, de apoio à mãe nos cuidados ao bebê; em São Paulo as mães eram as responsáveis pelos cuidados, acumulando ocupações antagônicas, donde o aleitamento também tendia a ser retirado antes dos três meses. Em São Paulo, embora houvesse 30% de famílias extensas, o contexto tempo-espacial colocava a mãe, freqüentemente, em isolamento; no Piauí, o trabalho da mãe se dava em acordo com um plano de funcionamento global da vida familiar, em São Paulo, ingerências externas determinavam os horários e as atividades. Deste modo, o aleitamento foi favorecido no Piauí, associado a questões ligadas à saúde e sobrevivência da criança, enquanto em São Paulo os recursos técnicos favoreceram a sobrevida sem a necessidade do aleitamento materno.

Trevathan e McKenna (1994) enfocaram a relação entre o conceito de autonomia desenvolvido no mundo ocidental e expresso no dormir solitário da criança, contrapondo-o ao de interdependência familiar, observado em várias outras culturas.

O enunciado pelos pais no Piauí de que seria um crime deixar uma criança até cerca de 5 anos dormir afastada da presença dos pais re-significou o dado de que, em São Paulo, pais e crianças dormiam no mesmo quarto: o que poderia ser apenas conseqüência de uma condição social de pobreza, apareceu como uma condição cultural de modo de ver o mundo, a criança e os cuidados.

Do estudo com moradores de rua de São Paulo, havíamos detectado que a moradia – lar, *home – poderia existir na ausência da casa, house* – em uma sociedade como a brasileira em que os elementos simbólicos de uma cultura baseada na magia, no sincretismo, na força do imaginário, continuavam presentes. Esta presença, no estudo dos moradores de

rua de São Paulo, nos havia remetido aos enunciados do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade como hipótese de formação identitária a partir da metáfora antropofágica em que haveria uma contínua transformação identitária devido à "deglutição do estrangeiro", de uma abertura e incorporação ao novo sem fazer contradizer com o existente devido a um "vazio identitário" no mito fundador; nos termos de Rolnik (1998), um princípio "antropofágico" de individuação, dotado de potencial de criação na existência individual e coletiva, em que não há a manutenção de um regime identitário na constituição das subjetividades. Esta dimensão "antropofágica" dos processos identificatórios na constituição das subjetividades no Brasil remeteu-nos à formação identitária histórica brasileira.

No estudo do Piauí, o movimento histórico deu-se no sentido inverso: algumas das famílias entrevistadas habitavam de modo muito próximo aos indígenas, – caboclos, caiçaras, mamelucos, enfim, à etnia conforme ela resultou no Brasil de 500 anos de mesclagem entre os autóctones e os demais que aqui chegaram e foram sendo mesclados pela conformação cultural que esta mescla original propiciou – sem se diferenciar, em termos gerais, do observado em São Paulo. A continuidade nas condições de moradia e de modo de ser entre as populações Piauí-São Paulo, indicou uma continuidade que não ocorria apenas devido às condições de pobreza, sem dúvida importantes e não devendo ser ignoradas em ambas as populações, mas indicando uma "riqueza" que vinha da continuidade sócio-histórica na qual toda a população do território "Brasil" se encontrava. Portanto, se o Brasil podia ser visto a partir da deglutição do bispo Sardinha, o Piauí podia ser visto como o Brasil: de um modo circular, o Brasil era o Piauí e o Piauí era o Brasil.

Como conseqüência da mestiçagem, os moradores de São Paulo, resguardada a diferença fundamental entre o meio rural e o urbano, apresentaram-se próximos aos do interior do Piauí. A forte presença da magia e de uma crença em um poder algo terrorífico – um destino – misturado com um poder, não de alterá-lo, mas de conviver com ele através dos "mortos", estabelecia a força dos antepassados na longa corrente aqui estabelecida, podendo corresponder a uma força contracultural anti-hegemônica. Concomitantemente, haveria uma vivência permanente de várias ordens possíveis, e não apenas uma como a aceita pela racionalidade ocidental, estas várias ordens gerando a vivência de vários tempos, de várias lógicas, em uma necessária imprecisão constituinte de uma racionalidade baseada em formas sincréticas de sentir e de pensar.

O estudo no Piauí permitiu a percepção clara da origem indígena da formação identitária brasileira, como apontado por Ribeiro (1995). Esta origem teria uma continuidade no modo de morar em São Paulo onde, segundo Lemos (1976), moradias rurais paulistas pouco se modificaram durante três séculos, de 1600 a 1900, desde os bandeirantes, por decorrerem de um imperativo do meio impondo adaptações, e não de uma assimilação de uma cultura (européia) a outra, em que os indígenas foram os artesãos e construtores, e as índias, as cozinheiras.

Não apenas as moradias persistiram até o começo do século, mas também o sistema de cuidados continuou presente, pois o grupo sócio-cultural hegemônico, mesmo composto por imigrantes e pelas famílias tradicionais da oligarquia rural, foram *criados e cuidados* por pessoas de outros extratos sociais, oriundas, em sua maioria, desta mistura que foi constituindo o povo brasileiro.

Isto faz com que se possa reconhecer semelhanças nos sistemas de cuidados no interior do Piauí e na cidade de São Paulo, reservadas as diferenças, mas em que um sistema forjado na mestiçagem cultural não é substituído pelo hegemônico ocidental, mas por um terceiro, a ser estudado.

Assim, no Brasil, haveriam dois tipos de culturas devido à mestiçagem não apenas das raças como principalmente cultural: uma que poderia ser chamada *cultura do corpo* e outra, *cultura da coisa*. A cultura do corpo seria uma cultura organizada a partir do contato entre pessoas, baseada nos sentidos próximos e na sensibilidade. A cultura da coisa seria uma cultura organizada tendo as coisa como intermediação entre as pessoas, baseada nos sentidos distantes e na

cognição. Uma seria representada pela cultura árabe, a outra, pela cultura judáico-cristã (Andrade, 1990).

A cultura do corpo seria simbólica imaterialmente porque estaria no lugar de, e mergulhada em arcaísmos psíquicos, correspondendo à compreensão de inconsciente junguiano. Este mundo simbólico seria a real realidade, donde o realismo mágico atribuído às culturas latino-americanas. Seus processos de transmissão de informação se dariam pela mimesis, pela empatia. Na cultura da coisa, o símbolo estaria associado à representação, demarcando espaços, sendo algo transferível de uma situação para outra. A transmissão da informação se dá pela direção do olhar, pelo apontar, pelo direcionar.

Uma viveria em uma imersão mágica, enquanto a outra visa o controle, a precisão, a métrica, a segurança. Em uma, o tempo é múltiplo e corre em várias direções, em outra o tempo é linear, favorecendo a previsão.

Estas colocações corroboram a tese sustentada por Heidi Keller de que haveriam dois caminhos desenvolvimentais (*developmental pathways*): um caminho não-ocidental, caracterizado pelos *mecanismos* de contato corporal e de maternagem extensos, com os *resultados* de uma regulação dirigida ao outro e por uma relação mãe-criança simbiotizada; e com a *conseqüência* do *Self* como co-Agência (relacional); um caminho ocidental, caracterizado pelos *mecanismos* de extensa interação distal e ritmo diurno precoce; pelos *resultados* de auto-regulação precoce e relação mãe-criança de-centrada; e pela *conseqüência* do *Self* como Agência.

No Brasil, estamos supondo a presença de ambos em que a resistência da manutenção de valores não-ocidentais dever-se-ia a um modo de ser no Brasil baseado na mestiçagem e na presença de um mecanismo antropofágico que, ao devorar, incorpora o novo sem entrar em contradição com o original.

Conclusão

O estudo do desenvolvimento centrado no contexto favoreceu a leitura da formação identitária no Brasil ou *selfways* (Markus e Kitayama, 1998) como um produto da mestiçagem, em que a origem societária familiar interdependente aparece como o centro da vida pessoal e onde a *cultura do corpo*, nas suas dimensões "femininas" continuam atuando apesar da hegemonia da *cultura da coisa*, acentuada pela atual globalização do mundo. Na *cultura do corpo* haveriam práticas culturais opostas ao *individualismo, isolamento, autonomia* das culturas ocidentais e industrializadas.

Por outro lado, o modo de vida urbano/moderno parece dificultar o aleitamento por se basear em valores individualísticos, na vida e no espaço privatizado, separando o bebê do corpo materno desde o nascimento na maternidade e, após, colocando-o em berço em quarto próprio, isolando igualmente a mãe neste processo, mãe e criança desenvolvendo, assim, ritmos vitais independentes uma da outra.

Deste modo, os arranjos espaciais domésticos estão conectados às rotinas e práticas de cuidados, incidindo na *temporalidade* – no modo como o tempo é vivido, a partir do encontro entre pessoas ou do relógio, do tempo cíclico-circadiano ou mecânico, do tempo monocrônico ou policrônico, do tempo sincrônico ou diacrônico – resultando em um fator essencial na consideração do desenvolvimento infantil.

Os arranjos espaciais igualmente apontaram para a organização da *corporalidade* como um entidade independente auto-referida conectada a objetos ou como uma entidade interdependente conectada a outras pessoas. Corresponderiam estas corporiedades a uma noção de *self* ou de subjetividade ou como uma "entidade autônoma, coerente, estável, livre, delimitada, que compreende uma única configuração de atributos internos e que se comporta em conseqüência destes atributos" ou como uma

> entidade basicamente conectada, fluida, flexível, interdependente, não separada dos outros e do contexto social, dando prioridade a estruturas sociais e referências interpessoais tais como família, grupos de trabalho, posições, papéis sociais ou relações ao definir a pessoa (Markus e Kitayama, 1998, pp.68-70).

No centro destas diferenças, estaria a dimensão *simbólica* como algo que une ou separa, como presença ou como ausência, como estando ou representando, originada do encontro sincrônico ou diacrônico, em que a simbólica baseada em relações sincrônicas estaria associada à proximidade, sentidos próximos, mutualidade, pensamento mágico, afetividade, *maternagem*, e a simbólica baseada em relações diacrônicas estaria associada à linguagem verbal, sentidos à distância, cognição, controle, *paternagem*.

Este trabalho aponta para a necessidade de um conhecimento mais extenso e mais aprofundado do contexto de desenvolvimento da criança brasileira donde "a investigação sobre as realidades das famílias de baixa renda, negligenciadas pela literatura científica, revelam um universo de significados e práticas culturais desconhecidas dos psicólogos" (Melo e Branco, 1996).

Generalizações sobre práticas de cuidados para toda a população sem considerar as variáveis contextuais devem ser evitadas porque, em uma sociedade multicultural, como a brasileira, a imposição de conteúdos sócio-cognitivos de um grupo pode determinar um "assassinato cognitivo" de outros grupos, através de um desvinculamento entre a experiência e o auto-reconhecimento que as pessoas, crianças inclusive, têm de si próprias, negado e/ou invalidado por este saber.

Referências bibliográficas

Andrade, O. (1990). *Obras completas de Oswald de Andrade: a utopia antropofágica.* São Paulo: Globo/ Secretaria do Estado da Cultura.

Andrade, O. (1972). *Poesias reunidas, obras completas.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 7, 115.

Bastos, A.C.D.S. (1994). *Modos de partilhar: a inserção da criança na vida cotidiana de famílias em uma bairro popular.* Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

Bastos, A.C.D.S. (1998). A família enquanto contexto de desenvolvimento humano: implicações para a investigação em saúde. *Coletânea da ANPEPP*, no prelo.

Carvalho, A.M.A. (1989). O lugar do psicológico na psicologia: o ponto de vista de etologia. *Biotemas, 2* (2), 81-92.

Dana, R. (1998). Projective assessment of latinos in the United States: current realities, problems and prospects. *Cultural Diversity and Mental Health, 4* (3), 1-20.

De Civita, Pagani, I.; Japel, C.; Vitaro, F. e Tremblat, R.E. (1998). Diversity in risk and protection among children in poverty: a developmental perspective. *Abstracts of XVth Biennial ISSBD Meetings.* Bern: ISSBD, p.467.

Ho, D.Y.F. (1998). Indigenous psychologies: Asian perspectives. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 29*(1), 88-104.

Kagitçibasi, C. (1997). Individualism and collectivism. – Social behavior and applications. Em J.W. Berry, M.H. Segall e C. Kagitçibasi (orgs). *Handbook of Cross-Cultural Psychology.* Boston: Allyn and Bacon.

Keller, H. (1998). Diferentes caminhos de socialização para a adolescência. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 8* (1/2), 1-14.

Kim, U. e Singelis, T. (1998). Cross-cultural analysis of social behavior. *Fourteenth International Association for Cross-Cultural Psychology Congress.* Bellingham: IACCP.

Hindi, R.A. (1987). *Individuals, relationships and cultures: links between Etology and Social Sciences.* Cambridge: Cambridge University Press.

Lemos, C. (1976). *Cozinha etc.* São Paulo: Perspectiva.

Markus, H.R. e Kitayama, S. (1998). The cultural psychology of personality. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 29* (1), 63-88.

Melo, C. e Branco, A. (1996). Child deveopment in low income context: a co-constructive approach to mother's beliefs orientation system. *Abstracts of XIVth Biennial Meetings of ISSBD.* Québec: ISSBD, p.182.

Rabinovich, E.P. (1992). *Modo de vida e relação mãe-criança: o mamar e o andar, o modo de dormir e o modo de morar.* Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Rabinovich, E.P. (1993). Modo de dormir e relação mãe-criança. *Psicologia, Ciência e Profissão, 13* (1/5), 22-29.

Rabinovich, E.P. (1994a). O modo de morar e a vida cotidiana como indicadores qualitativos do desenvolvimento infantil: um estudo de uma população de crianças de 0-3 anos na zona rural do Piauí, Brasil. *Caderno de Desenvolvimento Infantil, 1* (1), 47-59.

Rabinovich, E.P. (1994b). O modo de vida de crianças "sem casa" e "sedentárias": suas casas, suas famílias, suas vidas. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano, 4* (1), 71-79.

Rabinovich, E.P. (1997). *Vitrinespelhos transicionais da identidade: um estudo de moradias e do ornamental em espaços sociais liminares brasileiros.* Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Rabinovich, E.P. (1999). Estudo comparativo dos modos de dormir e de mamar de crianças brasileiras em contextos sócio-familiares urbano e rural. *Interfaces, 2* (1), 41-50.

Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras.

Rolnik, S. (1998). Para além do princípio identitário. *Anais do VII Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico,* ANPEPP. Gramado, p. 184.

Trevathan, W.R. e McKenna, J.J. (1994). Evolutionary environments of human birth and infancy: insights to apply to contemporary life. *Children's Environments, 11,* (2), 142-146.

Triandis, H.C. (1989). Cross-cultural studies of, individualism and colectivism. Em J.J. Berman (ed). *Nebraska Symposium on motivation: cross cultural perspectives.* Lincon: Unwasily of Nebraska Press.